

DISCURSO E MÁ FÉ: DO ELOGIO À PERVERSIDADE ESTRATÉGIAS RETÓRICAS EM CAMPANHAS POLÍTICAS ELEITORAIS

Lineide Salvador Moscaⁱ

Resumo: Partindo das formulações da retórica clássica e procedendo ao seu reexame nas teorias mais recentes, examinar-se-á a questão do ataque pessoal, o *ad hominem*, em discursos de natureza política, especialmente os das campanhas eleitorais. Por outro lado, o elogio também funciona como uma das estratégias recorrentes nesse tipo de discurso, visando não só a adesão do público, mas ao equilíbrio das relações interpessoais. Embora opostos, esses argumentos conjugam-se habilmente nas palavras dos oradores. Estabelece-se, então, uma escala que pode se deslocar do elogio ao *ad hominem* e chegar às raias da perversidade e até da execração, sob as formas da calúnia e da difamação, razão pela qual os debates de campanhas eleitorais se estruturam de forma a impedir que tal aconteça. Conceitos como os de modéstia afetada, de sinceridade, de mentira útil mesclam-se a tudo isto, o que requer um estudo das falácias num sentido mais amplo.

Palavras-chave: Discurso político. Argumentação. Estratégias. Falácias.

Abstract: Starting from the formulations of classical rhetoric and proceeding to its re-exam according to the latest theories, we will examine the question of personal attacks, the *ad hominem*, in discourses of political nature, especially discourses from election campaigns. On the other hand, a praise also works as one of the recurring strategies in this type of discourse, aiming not only the public's adherence, but also the balance of the interpersonal relationships. Although opposed, these arguments ably conjugate themselves in the words of the speakers. Then, a scale that can move from a praise to the *ad hominem* and reach the borders of perversity and even execration is established under the forms of slander and libel, which are the reason why the debates in the election campaigns are structured to prevent such occurrence. Concepts such as affected modesty, sincerity and useful lie are mixed to it all, which requires a study of the fallacies in a broader sense.

Keywords: Political discourse. Argumentation. Strategies. Fallacies.

ⁱ Docente da Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: lineide@usp.br.

Estratégias retóricas e argumentos de má fé numa campanha eleitoral

Mecanismos afetivos desempenham um papel fundamental nos discursos políticos, especialmente os das campanhas que precedem as eleições, em que o objetivo é o de ganhar a adesão do auditório. Entre eles, destacam-se os argumentos *ad hominem*, quando o embate desliza do *ad REM* - as propostas em si e as teses que se quer alimentar, para o ataque ao outro, visto como oponente e adversário. O estatuto deste outro é, muitas vezes, minimizado, evitando-se apontá-lo como inimigo.

Na concepção tradicional, trata-se do ataque pessoal como modo de refutar um argumento, tornando-se ele próprio quase irrefutável, por falta de evidências e por ser irrelevante diante do foco principal da disputa. Estudos das falácias colocam esse tipo de argumento entre aqueles que constituem quebra das normas da discussão crítica ou inteligente. Alinhando-se a outros tipos de argumentos, tidos como falácias, tais como o *ad verecundiam* (exibir suas próprias qualidades) e o *ad ignorantiam* (abusar dos sentimentos do auditório), o efeito de ataque do *ad hominem* é devastador no trabalho de persuasão.

Pode-se unir os ensinamentos de Aristóteles a esse respeito às posições mais recentes acerca do assunto, desenvolvidas por Hamblin, Walton e Eemeren e o que nos traz a teoria perelmaniana nesse sentido, partindo-se das formulações da retórica clássica e procedendo ao seu reexame nas teorias mais recentes.

Trata-se de dois mecanismos que operam por caminhos opostos, de um lado o argumento *ad hominem*, o ataque à pessoa, de outro o argumento qualificante pelo elogio. Embora opostos em sua natureza, conjugam-se habilmente nas palavras dos oradores. A visão por nós adotada será a de argumentação como uma forma de interação, em que entram

elementos afetivos e passionais, tais como a vaidade, o orgulho, a arrogância, a inveja e a competição. Da união dos dois procedimentos, o que resulta é um clima de tensão, em que o que está em jogo é a questão da sinceridade, no elogio, incluindo a mentira piedosa, e a questão da má fé, no *ad hominem*, que pode chegar à perversidade.

O discurso epidítico, que consubstanciava na retórica clássica essas circunstâncias, quer de elogio, quer de censura, figurava ao lado de dois outros modos de apreender as situações frequentes na vida das coletividades, ou seja, o discurso jurídico – destinado a defender ou acusar as causas em questão, emitindo julgamentos favoráveis ou desfavoráveis a seu respeito – e o discurso deliberativo, encarregado de pronunciar-se diante do que era útil ou nocivo à vida da comunidade a que se endereçava. Na realidade, essas modalidades se superpõem, caracterizando-se pelo predomínio de uma delas em sua finalidade.

Procurar-se-á mostrar como as duas estratégias apontadas – o ataque pessoal e o elogio – coexistem ou se superpõem no discurso político. O objetivo é o de analisar os mecanismos de desqualificação, ainda que por meio de alusões e insinuações feitas em tais circunstâncias, e os de elogio, ligados às estratégias de polidez e de adesão. Os efeitos a serem cotejados colaboram para o delineamento do perfil de cada presidenciável e auxiliam o eleitor a escolher com razoabilidade. Afinal, argumenta-se com alguma finalidade e, ao dar os fundamentos sobre os quais os argumentos repousam, a argumentação pretende conduzir a um processo decisório, mediante a escolha mais razoável, uma vez que o seu âmbito é o do discutível, do provável tão-somente, para se chegar a um determinado acerto.

Tomar-se-ão quatro debates, ocorridos no período pré-eleitoral de agosto e setembro de 2010, com vistas às eleições de 03 de outubro:

o debate da TV BAND, de 05/08; o debate *on-line* da UOL/FOLHA, de 30/08, o debate TV GAZETA/ESTADÃO, de 08/09 e o debate da REDE TV, de 12/09.

Foram observados a construção/desconstrução da imagem de cada candidato e os efeitos de sentido criados pelo seu *ethos*. Torna-se cada vez mais difícil e problemático chegar a uma representação de cada candidato, cujos contornos são burilados pelos assessores de campanha, sendo a espontaneidade controlada pelas regras rígidas que emolduram a cenarização e o próprio funcionamento dos debates.

Alguns aspectos foram salientados nessa procura de construção da imagem, tais como o *humor* no tratamento das questões, cujo funcionamento recai no *ad hominem* e na desqualificação do outro, pela chacota e zombaria; em sentido oposto, os ritos de cortesia, que procuram angariar a benevolência do concorrente e igualmente do público a seu favor. Nessa perspectiva, o *elogio* funciona como um elemento de valorização e de elevação da auto-estima, visando a sensibilizar o seu alvo e a torná-lo dócil à vontade daquele que o emite.

A trilogia retórica, constituída pelo *ethos*, *logos* e *pathos*, postulada desde os escritos mais antigos, é hoje alvo de muitos estudos, haja vista a grande quantidade de matérias a respeito. Nas neo-retóricas não se privilegia nenhum desses componentes, uma vez que se dá um amálgama, tornando-se difícil separá-los. Pode-se dizer que o elogio relaciona-se às questões do *ethos*, uma vez que toca à elaboração da imagem com que o sujeito se representa para si próprio e aquela com que se dá a conhecer ao outro. A “*flatterie*” (lisonja) visa a sensibilizar o seu alvo e torná-lo dócil à sua vontade. Ao elogio, segue-se a contrapartida, a modéstia, que não é levada muito a sério. Seria uma atitude de atenuação para provocar a cumplicidade do outro e, neste caso, constitui a figura de retórica denominada

cleasmo. A esse gesto de humildade aparente, Orecchioni se refere como “modéstia afetada”. Em nosso *corpus* das campanhas, o elogio não provoca essa reação: quando a candidata Dilma se refere à participação de Marina no Governo Lula em tom de elogio, esta quase que o recusa ao dizer que é a primeira vez que a concorrente lhe endereça essa referência.

Pôde-se verificar um eixo em que os ânimos foram contidos, nos dois primeiros debates, e se exarcebaram nos dois últimos, diante dos dados e índices das sondagens, assim como do tumulto de fatos que precipitaram atitudes mais agressivas, chegando-se a falar em calúnia (debate REDE TV, 12/09), que juridicamente é considerado crime.

Todos os candidatos são unânimes em que se deve discutir projetos, programas, ou seja, o que seria o cerne do debate, o *ad rem*, mas a posição defensiva os impede de fazê-lo, deslizando para as evasivas e as generalizações, tão recorrentes no debate dito “político”. Na verdade, longe se está do legítimo sentido de político, tal como em sua origem no mundo greco-latino. O que se tem, na realidade, é uma comunicação de natureza política, um fazer midiático, ficando os bastidores das decisões bem longe do olhar público.

Debate I: BAND (05/08/10)

O primeiro debate cercou-se de muita espetacularização, com a chegada dos candidatos em helicóptero e as primeiras expectativas já transmitidas aos repórteres que os aguardavam. Isto teve o seu lado positivo que foi o de revelar aspectos da *actio* do sistema da organização retórica: o seu caminhar, os gestos, as expressões fisionômicas, o tom de voz, o ritmo revelador da ansiedade/segurança e de outros traços.

O ponto marcante do debate veio da parte do candidato Plínio de Arruda Sampaio, cujo

humor constitui uma forma de *ad hominem*, pela forma jocosa ao expor as suas divergências em relação aos demais, que engloba na fórmula do *bom mocismo*, contrapondo-a nas interjeições: “Que horror! Pelo amor de Deus!” “Tudo isto aí é quinquilharia”. Às vezes, a chacota constitui mera brincadeira, como o “hipocondríaco”, atribuído a Serra, que retorna com um “Plínio, não brinca, vai”, de cunho bastante coloquial.

O ataque vem outras vezes sob forma da **figura**, caso do “retrovisor”, recorrente nos discursos do candidato Serra, ao referir-se à atitude negativa de Dilma, diante do governo do antecessor. A **litote** é outra figura que marca presença no início do debate, quando os ânimos ainda não estão acalorados, como o que se vê na resposta de Dilma a Serra, sobre a sua visão do passado: “Não acho prudente esquecer o passado” ou ao afirmar “Eu penso diferente de você”.

As formas elogiosas destacam a formação do concorrente, acentuando as suas qualificações: “Você que é um *humanista*”, a candidata Marina, referindo-se a Plínio Sampaio, a quem chama de “Professor” ou em “Você que estudou *economia*, sabe muito bem disso”, referindo-se à candidata Dilma. E ainda: “Você, como ministra muito forte”. Em referência a FHC, a menção como *sociólogo* foi preconceituosa e, portanto, desqualificante.

Outras vezes, as formas ritualísticas, já clichêizadas, assumem ar de elogio, mas constituem meras fórmulas, porque o que se segue não faz jus a elas. Veja-se a fala de Plínio que inicia com “Com todo respeito...”, mas serve de anteparo para a menção do “calote”. Questiona também determinados cognomes, tais como “mãe dos pobres”, incompatível, segundo ele, com as ideias que um socialista deveria ter, o que contrapõe ao que crê ser “socialismo de verdade”. Todos esses mecanismos são, pois, formas de desqualificar o outro e que procuram desestabilizá-lo no debate.

As considerações finais deram lugar à expressão do sentimento e até mesmo de um certo sentimentalismo, com a invocação de relações familiares e de estados de espírito (“Estou feliz”, apesar de não sorrir) por parte do candidato Serra. Já a candidata Dilma reforça os seus elogios ao presidente Lula, já emitidos ao longo do debate, louvado por sua “generosidade, inteligência política e habilidade”. Dá-se todo um jogo de dizer e não dizer, em que o silêncio tem, muitas vezes, alto poder argumentativo, conforme bem capta o comentarista:

Para Serra é complicado formular propostas nesse campo [a economia], porque os **elogios** – o bicho pega – carregam votos para Dilma, e as **críticas** – o bicho come – também (Luiz Guilherme Piva, *Folha de São Paulo*, 11/07, A10, PODER).

Debate II - UOL/Folha (30/08/10) – On Line

Como as condições de produção do discurso fazem parte inerente dele, notar-se-ão algumas diferenças no debate *on line*: o ritual do debate já não é tão formal, o que se observa na cenarização (Marina/ Serra/ Dilma), tendo como hospedagem o auditório da PUC, com uma história política na memória de grande parte dos eleitores. Os atores sociais apresentam-se trajados mais à vontade e com atitudes menos contidas, sendo o tom da fala mais amigável, especialmente entre as candidatas femininas, parecendo haver um acordo como ponto de partida (“É verdade. Concordo com você”). Pensa-se mesmo num certo pacto tácito. Há vacilações nas posições de Marina, ora incluindo-se no Governo (“A gente mostrou que...”), ora diferenciando-se dele, mas parte para uma retórica de manutenção, a fim de assegurar o seu posicionamento diante dos demais. Veja-se o valor aspectual de “Eu tenho dito que ...”, recorrente em suas falas.

Ao desconstruir o programa eleitoral de Serra na TV, pela menção à “favela virtual”,

Marina o reduz a um mosaico televisivo, consistindo este procedimento num forte argumento *ad hominem*.

Da cordialidade inicial, parte-se, entretanto, para o acirramento dos ânimos e os momentos de debate se tornam bastante tensos: às provocações de Serra do tipo “O que o PT já aprontou para o ‘quanto pior melhor’”, seguem-se agressões do tipo “Dilma é ingrata”, “É mentira”, sem atenuações, o que leva a candidata à tréplica em que recusa a fala como “calúnia”, uma vez que não encontra provas para tanto.

Questionar a voz de autoridade sobre determinada questão é também uma forma de subestimar o adversário: avaliação errada da crise com dados não condizentes e ultrapassados, apontados por Dilma. Uso da figura retórica da preterição, dizendo que não vai dizer, mas diz: “Fui elegante. Falei isto para não dizer outra coisa e continua...”

A oportunidade dada aos internautas (06 perguntas), selecionados pela UOL, foi também um espaço para o *ad hominem* e sem muita cortesia: “troca-troca desavergonhado” (a propósito dos loteamentos de cargo na questão dos Correios), “um descabro”. Elogios apenas nas falas dos interpelados e revelando as paixões que caracterizam o discurso político, muitas delas já cristalizadas: “com muito orgulho” (de Marina), “com muita honra” (de Dilma).

A interatividade do auditório se manifesta nas palmas, equivalentes a elogios e nas vaias, expressas culturalmente de diversas maneiras, como forma de reprovação. O riso da plateia também se junta a essas manifestações, a maior parte das vezes em sinal de descrença. Cabe dizer que o candidato Plínio, não incluído no debate, apresentou-se simultaneamente em meio alternativo (*youtube*, *blog* etc) e foi campeão de audiência.

Debate III – TV Gazeta/Estadão (08/09/10)

Participaram desse debate as candidatas Marina e Dilma (do gênero feminino) e Serra e Plínio (do masculino). A ausência que é presença – a não-participação de Dilma – foi alvo das considerações de Plínio. O candidato ocupou a cena e deu o tom ao debate com referências jocosas a essa ausência:

“Ela não é do ramo”

“Se filmar [apontando para o lugar vazio de Dilma] é um fantasma”

“Passar a perna nos outros”

“Os capangas [de Dilma] atrás...”

“Essa moça é um blefe. Ela foi inventada”

“Desmascarar essa farsa”

Em todos esses pronunciamentos, o deboche cumpre a finalidade do *ad hominem*.

Debate IV – Rede TV (12/09/10)

Após a apresentação dos candidatos e o conhecimento das normas do debate, a mesma questão é colocada para todos os candidatos, possibilitando assim um cotejo:

Qual o maior sucesso e o maior fracasso do Governo Lula e em que aspectos o seu será diferente?

A seguir, têm-se as perguntas aos candidatos, por parte dos jornalistas convocados e, por último, as perguntas de candidato a candidato. Estas, na realidade, não constituíam perguntas, mas a oportunidade de o candidato colocar as suas próprias ideias, estratégia também usual no discurso político, em que se simula ignorar determinados aspectos.

Neste debate, o candidato Plínio ainda mantém o tom jocosos, porém mais moderado, dizendo que o que vai dizer não é para rir: estaria ele diante de “uma pegadinha”? Havia sido inquirido sobre as importações de Singapura e da Coreia. “Eu não sei e se quisesse saber, teria a quem recorrer”.

O ponto alto do debate recaiu sobre uma questão de cunho internacional: a questão do Irã e a relação de “carinho e amizade”, apontadas por Serra, retomando a palavra do presidente. A candidata Dilma, nessas alturas, dirige-se ao público, focalizando-o de frente e afirmando: “O meu pacto é com a população e não com ele, Plínio”. Desloca, assim, o destinatário como tática de argumentação.

Por último, uma inovação desse debate foi ter constituído um grupo de eleitores indecisos para avaliação, resultado que foi dado a conhecer pela imprensa, no dia seguinte. A melhor nota foi dada à candidata Marina, a seguir Dilma e, por último Plínio. Não houve menção explícita a Serra.

O direito à resposta em caso de ofensas pessoais, caso do *ad hominem*, não foi utilizado em nenhum dos debates, o que não quer dizer que não tenha havido alterações e ataques pessoais, dentro de um critério de civilidade, julgado pela comissão organizadora do debate. Em muitas situações parlamentares, já se presenciou não só o ataque verbal, mas a agressão física, interrompendo-se os trabalhos pela intercessão de forças outras, convocadas para debelar o motim. Já se tornou também simbólico o arremesso de objetos na figura do oponente, tais como tortas e sapatos, conforme a cultura em que se dá, uma vez que o símbolo é sempre coletivo.

O papel do condutor do debate é também de grande importância, já que tem de ser incisivo, sem ser rude, pois a cortesia deve ser mantida e o debate conduzido com êxito ao seu término. A nosso ver, o *anchor* do debate da REDE TV foi o de melhor desempenho, projetando também uma imagem de simpatia e de descontração.

Considerações finais

Mais os debates se tornam codificados por regras rígidas, mais a chamada “*langue de bois*” dos políticos se manifesta, com os

automatismos, os clichês e fórmulas feitas, mesmo as comportamentais já estereotipadas em ritos comunicacionais, facilmente identificáveis pela população e que se prestam a situações histriônicas, a trocadilhos políticos etc. O sentido metafórico da expressão bem revela essas características, presentes nos fenômenos de repetição, de sloganização e de outros mecanismos, tais como as construções impessoais, a nominalização de caráter mais abstrato, a epitetização. Discursos vazios empobrecem o debate político. Na verdade, trata-se de um debate sem debate, ou seja, o gênero não faz jus à sua natureza de espaço do confronto das diferenças, de exposição de ideias e de modos de ser e de presença na vida social, enfim, não constitui um espaço argumentativo em sua característica primordial, tal como delineamos anteriormente. Não se cultiva a divergência como traço positivo de valorização do outro e de possibilidade de condições para se obter um acordo negociado. Tudo isto leva ao pseudo-político, que não se livra da estigmatização na opinião pública.

É o próprio conceito de *político* que está em causa, no centro do qual a retórica ocupa um importante papel. Citamos, a esse respeito, a matéria de Perelman, intitulada “*Rhétorique et Politique*”, que faz parte de *Langage et Politique*, editado em Bruxelas em 1982. No próprio *Tratado da Argumentação*, de 1958, a retórica figura no centro do debate entre filosofia e sofística, na procura de chegar à essência do político. Em nossos dias, assiste-se a uma verdadeira crise desse conceito, especialmente pela maneira como é afetado pelo marketing político, considerado por muitos como a sofística moderna. As relações com a mídia tornam ainda mais complexa essa situação.

Em *De la métaphysique à la rhétorique*, obra organizada por Michel Meyer em homenagem a Perelman, editada igualmente em Bruxelas 1986, o binômio retórica/política

é tratado por diversos autores que compõem a obra, destacando-se o “sistema de legitimidade” como o ponto a partir do qual todos os outros podem ser compreendidos. A Retórica, compreendida em seu sentido amplo, tal como postulado por Aristóteles, permite dar conta da prática atual do político, através de seus pressupostos básicos: o ponto de vista dos *lugares* e escolha dos *argumentos*.

Assim, a política, no quadro de uma teoria da argumentação, aponta o fato de que cada posição nova é construída a partir de um trabalho de *refutação* e de *superação* de posições precedentes. Quando isto não se dá, cai-se no discurso da mesmice e do vazio de um mero formalismo.

Uma vez que os pressupostos ou pontos de vista aceitos não são os mesmos no cenário político, toda estratégia política supõe uma representação do pressuposto do adversário e do modo como eles se articulam no jogo de oposições (aparência/realidade; realidade/desejo, aspiração; presente/futuro etc) e nos modos de ação, em função dessas representações, tais como o uso da força ou o uso da retórica, isto é, do corpo ou das palavras, evocado por Aristóteles; a aceitação provisória do reformismo; ou então, a fuga da cena política para instalar o seu próprio pressuposto.

Na retórica política, podem figurar todos os gêneros, mas nela se destacam os da celebração de valores, de exaltação, daí focalizarmos o elogio e, ao mesmo tempo, os de execração, que denunciam as distorções, as falências atribuídas ao indivíduo, ou ao indivíduo enquanto representante de uma classe, de uma instituição e de suas normas. Sabe-se o quanto o *delectare* e o *movere* são fundamentais no discurso das campanhas políticas, e as relações entre essas funções são bastante evidentes. A agradabilidade se vê presente no elogio, já a comoção pelo ataque do *ad hominem* constitui uma força repulsiva, bem contrária à atração exercida pela cumplicidade do elogio.

Um conflito muito frequente em situações eleitorais é aquele em que entram a sinceridade e a cortesia e se hesita entre a franqueza e o tato. As exigências da sociedade nem sempre permitem o “falar verdadeiro”, que infringiria as regras do discurso polido. A mentira útil, que pode assumir a forma de mentira piedosa, é acolhida como benevolente, porém a má fé não é tolerada, sendo índice de perversidade.

Em última análise, o argumento *ad hominem* vem sempre controlado pelas leis de cortesia que regem a sociedade, de onde as modulações no ataque *ad personam*, *ad humanitatem*, uma vez que ele entra diretamente na construção/desconstrução do *ethos* e sua ação repercute no *pathos* do eleitor, trazendo-o para si ou afastando-o.

A influência das pesquisas e sondagens na postura dos candidatos é fato também a ser considerado, pois acirra a defensiva e o ataque, desencadeando uma atitude de insegurança e de intranquilidade.

A propaganda do horário eleitoral gratuito é relativamente fraca nesse sentido, pois se esclerosa e reafirma aquela faceta caricaturesca que revela bem a distorsão do que seja o político. A figura emblemática do palhaço bem representa esse espírito de carnavalização, que constitui um espelho dessa situação, levando ao extremo o ataque ao próprio sistema eleitoral e, de forma mais ampla, ao próprio modo de “fazer política”: fazer no governo o que se faz no picadeiro, deslocando o cenário, no lema do “pior não fica”.

Embora todos os candidatos apontem a necessidade de voltar-se para as propostas, metas de governo etc, o que constituiria o *ad rem*, não é isto que pauta os debates, mas o ataque e a defensiva que tomam o primeiro plano. Pode-se, entretanto aferir o nível dos debates que, apesar das modelizações todas a que são submetidos, mantém uma certa compostura e grau de civilidade, sobretudo se os compararmos aos de fases mais antigas da

história dos debates em nosso país. O primeiro debate da Band trouxe a memória discursiva dessas épocas que precederam e cumpriu uma função pedagógica, além da informativa. Serviu para reflexão em torno desse gênero que, em nossos dias, abraça em seu bojo outras modalidades, tais como a entrevista, a reportagem, a abertura musical e permite ao eleitor interagir com o acontecimento, na condição de plateia presente, de internauta e de outras modalidades virtuais. Pode-se apontar três traços básicos no funcionamento da sociedade liberal contemporânea: o lugar da razão (a racionalidade), o lugar da economia política, com a invasão do político pelo econômico, o lugar do Direito, quando se fala em “Estado de Direito”. É nesse quadro que o discurso público tem assento, procurando recobrir a antiga legitimidade e em que a retórica exerce a sua própria racionalidade.

Em obra que discute a posição do filósofo em busca da verdade, *O Império Retórico*, Perelman (1993) contrasta esse fundamento com o domínio da opinião, aquele que é próprio da Retórica, sem deixar, no entanto, de se preocupar com ela. São dele as seguintes palavras:

Uma retórica que, negligenciando a verdade, se contenta com a adesão do auditório – mantendo-a graças a **efeitos de linguagem**, sob o encanto da palavra, recorrendo à **lisonja** – é uma teoria da aparência (op.cit. p.166) [grifos nossos].

De duas forças opostas, o elogio e o ataque, resulta esse exercício de benevolência (a *captatio*) e de perversidade que compõe a cena política, buscando-se um equilíbrio sutil e fazendo dela um ambiente passional em que entram as expectativas, anseios e utopias da coletividade.

Referências

ARISTÓTELES. *A Retórica*. 2. ed. Introdução e notas de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 2005.

EEMEREN, Frans van; GROOTENDORST, Rob. *A Systematic Theory of Argumentation*. The pragma-dialectical approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MEYER, Michel. *A Retórica*. Apresentação e revisão técnica de Lineide Salvador Mosca. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Histoire de la Rhétorique des grecs à nos jours*. Paris: Hachette, 1999.

_____. (Org.). *De la Métaphysique à la Rhétorique*. Bruxelles: PUB, 1986.

MOSCA, Lineide Salvador. O espaço tensivo da controvérsia: uma abordagem discursivo-argumentativa. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, n.9, p. 293-310, 2007.

PERELMAN, Chaïm. *Langage et Politique*. Bruxelles: PUB, 1982.

_____. *O Império Retórico*. Porto: ASA, 1993.

_____; TYTECA, Lucie O. *Tratado da Argumentação*. A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLANTIN, Christian. *A Argumentação*. São Paulo: Parábola, 2008.

SACRAMENTO, Igor; LIMA LOPES, Fernanda (Orgs.). *Retórica e Mídia*. Estudos ibero-brasileiros. Florianópolis: Insular, 2009.

Revisão:

Mirélia Ramos Bastos Marcelino

Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, sob a orientação da Profa. Dra. Vânia Lúcia Torga. E-mail: mireliaramos@yahoo.com.br.